

O buraco da educação

Quando finalmente conseguir se livrar da máfia política que o impede de se modernizar e de se desenvolver, o País terá de enfrentar outros graves obstáculos ao seu progresso. Um dos mais importantes é a falência da rede educacional pública, especialmente no âmbito do ensino básico, que tem condenado geração após geração dos segmentos mais desfavorecidos da população à marginalidade por absoluta falta de preparo para exercer as mais elementares tarefas em empresas modernas.

Esse trágico gargalo para a retomada do crescimento acaba de ser evidenciado pela Secretaria de Relações do Trabalho de São Paulo, que atua na intermediação entre a oferta e a procura de mão-de-obra em nosso Estado, funcionando como uma espécie de bolsa de empregos. Embora tenha atendido 101.146 trabalhadores desempregados para o preenchimento de 15.808 cargos, no primeiro semestre deste ano, esse órgão governamental foi capaz de preencher apenas 6.762 vagas. As demais 9.046 simplesmente não puderam ser ocupadas por falta de qualificação profissional dos trabalhadores.

Outro inequívoco exemplo desse gargalo é dado pela Autolatina: para preencher 2,3 mil vagas abertas no primeiro semestre em suas fábricas pela recente expansão do mercado automobilístico, a empresa recebeu mais de 40 mil fichas de solicitação de emprego. Desse total, 35 mil não tinham o nível mínimo de escolaridade exigido, igual ou superior ao 1º grau completo, sendo sumariamente descartadas. A empresa deve gastar, somente neste ano, cerca de US\$ 10 milhões em programas de ensino básico para o seu pessoal efetivo. Mas admite que não tem condições de admitir mão-de-obra desqualificada, e complementar sua educação e treiná-la antes de incorporá-la em suas linhas de produção.

O mais grave é que saber ler e escrever — serviço básico que o Estado já não consegue prestar — não

constituem mais qualificação para quem pensar ou retornar ao mercado formal de trabalho.

Desde que as empresas se modernizaram tecnologicamente, passando a operar com equipamentos crescentemente sofisticados, como é o caso das máquinas com controle de comando numérico, as fábricas exigem dos operários noções de matemática aplicada que costumam ser dadas aos estudantes apenas na 7ª ou 8ª série ginasial. Isto significa que, enquanto a maioria absoluta dos trabalhadores brasileiros não conseguiu ultrapassar o 1º grau, o mercado de trabalho já está exigindo, como qualificação mínima, o 8º grau completo.

Eis aí o círculo vicioso de nosso atraso socioeconômico. Mesmo que consiga eliminar os males políticos atávicos que entravam sua modernização e impedem seu desenvolvimento, o País não terá condições de retomar imediatamente o crescimento por causa da falência do seu sistema educacional. Como será possível reconstruí-lo num curto espaço de tempo, uma vez que os maus estudantes de ontem são os péssimos professores de hoje, por terem cursado escolas de baixa qualidade e por estarem desmotivados em face do salário vil que recebem? As grandes e médias empresas têm conseguido contornar o problema desviando recursos vultosos de suas atividades-fim para gastos com ensino e treinamento, exercendo um papel que, por princípio, cabe ao Estado, com custos que se somam aos que já têm com os impostos, em princípio cobrados para este fim. Mas tudo isso encarece seus produtos e diminui sua capacidade de concorrência internacional, o que é condição para que continuem crescendo e investindo.

Este é apenas um dos buracos sem fundo que precisamos começar a ser tapados já, se quisermos pensar, ao menos no próximo milênio, como o das grandes oportunidades para o Brasil.